

UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE AS *FAKE NEWS*: REFLEXÕES PARA O ENSINO

Lucia Helena Medeiros da Cunha Tavares

Doutora, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró, RN, Brasil.

Polianny Ágne de Freitas Negócio

Mestra, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas, RN, Brasil.

Vicente de Lima-Neto

Doutor, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas, RN, Brasil.

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos que circulam por meio de *fake news* em sites de redes sociais, enfatizando a fabricação da verdade. Assim, discutiremos sobre o tema, destacando a importância de se trabalhar as notícias falsas, na sala de aula, no sentido de promover seu reconhecimento e evitar sua disseminação. O *corpus* é composto por um exemplo de *fake news*, disseminada na rede social Facebook, e pela proposta de redação do vestibular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), de 2018, que traz reflexões sobre o assunto. A análise se dá à luz das teorias de Foucault (1970; 2008), enfatizando os discursos de verdade e ainda com base nos comentários de Candiotti (2013). Quanto ao trabalho com os letramentos digitais na sala de aula, este conceito terá base em Coscarelli (2007). Para tratar de aspectos que concernem às bolhas sociais, traremos as reflexões de Ferrari (2018). Os resultados apontam que o rótulo atribuído popularmente às *fake news* dão guarida a fenômenos diversos, e é necessário propor atividades ao alunado que permitam o reconhecimento da desinformação.

PALAVRAS-CHAVE: Discursos de verdade. *Fake News*. Ensino.

ABSTRACT: This paper aims to analyse the speeches that circulate through fake news on social networking sites, emphasizing the fabrication of the truth. Thus, we will discuss the topic, highlighting the importance of working with false news in the classroom, in order to promote its recognition and avoid its dissemination. The corpus consists of an example of fake news, disseminated on the social network Facebook, and the proposal for writing the entrance exam for the State University of Campinas (UNICAMP), 2018, which brings reflections on the subject. The analysis takes place in the light of Foucault's theories (1970; 2008), emphasizing the discourses of truth and also based on the comments of Candiotti (2013). As for working with digital literacies in the classroom, this concept will be based on Coscarelli (2007). To address aspects that concern social bubbles, we will bring the reflections of Ferrari (2018). The results show that the label popularly attributed to fake news gives shelter to different phenomena, and it is necessary to propose activities to students that allow the recognition of misinformation.

KEYWORDS: Real Speech. Fake news. Teaching.

Considerações Iniciais

No livro 2 da obra *Histórias*, de Heródoto, historiador grego que viveu entre 484 a.C. e 425. a.C, tem-se um importante relato, trazido pelo autor, sobre uma experiência no Egito: tratando dos crocodilos, o autor relata que

[...] Todos os pássaros e animais fogem dele, exceto a ave do crocodilo, com o qual está em paz, pois este pássaro faz um serviço ao crocodilo; sempre que o crocodilo sai da água e depois abre sua boca (e faz isso principalmente para pegar o vento oeste), a ave do crocodilo entra em sua boca e come sanguessugas; o crocodilo é agradecido pelo serviço e não mata o pássaro. (HERODOTO, s/d)¹

A história foi passando de boca em boca, durante os tempos, e foi chegando às aulas de Ciências no Ensino Fundamental, figurando como um bom exemplo de *simbiose*, e perdurou da Grécia Antiga ao século XX. Apenas muito recentemente verificou-se que a história não passava de uma lenda. Não há provas científicas de que tal interação alguma vez tenha existido. Temos, portanto, se não a primeira, uma das primeiras *fake news* de que se tem notícia.

Na Roma Antiga, Procópio, historiador bizantino, também foi famoso por escrever histórias falsas que abalaram completamente a reputação do imperador Justiniano, no século VI. No século XVI, Pietro Aretino, jornalista, tinha o hábito de escrever pequenos poemas, que difamavam os cardeais candidatos ao papado. Os versos eram grudados numa estátua de um personagem chamado *Pasquino*, que ficava numa praça em Roma. Eles ficaram conhecidos como *pasquinadas* e eram grandes exemplos de *fake news* do Renascimento.

Em suma, o fenômeno sempre existiu, embora apenas muito recentemente tenha ganhado força na academia (PARISER, 2011; WARDLE, 2017 ; PIAIA; RITTER; SANGOI, 2018). Na sociedade contemporânea, com a inclusão digital em alta, cresce o acesso à informação e cresce também a liberdade de produzir informação. O problema é que nem sempre tais conteúdos são verídicos, e as consequências de sua propagação influenciam questões sociais, mas, na atualidade, tem sido ampliado pela popularidade das redes sociais. Consideramos, portanto, que uma problemática tão séria não pode deixar de ser analisada e abordada em âmbito escolar.

¹ Nossa tradução de: [...]All birds and beasts flee from it, except the sandpiper , with which it is at peace because this bird does the crocodile a service; [5] for whenever the crocodile comes ashore out of the water and then opens its mouth (and it does this mostly to catch the west wind), the sandpiper goes into its mouth and eats the leeches; the crocodile is pleased by this service and does the sandpiper no harm. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0126%3Abook%3D2&force=y>. Acesso em: 24 out. 2018.

Neste trabalho, discorreremos sobre o assunto, destacando a importância de se trabalhar as denominadas *fake news*, ou notícias falsas, na sala de aula, no sentido de promover seu reconhecimento e evitar sua disseminação. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar os discursos que circulam por meio de *fake news* veiculadas em sites de redes sociais, como o Facebook, enfatizando a fabricação da verdade. Buscamos mostrar isso a partir da análise de dois exemplos de *fake news* disseminada na rede social *Facebook* e pela proposta de redação do vestibular da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), de 2018, que trata do tema.

A análise se dá à luz das teorias de Foucault (1970; 2008), enfatizando os discursos de verdade e ainda com base nos comentários de Candiotto (2013). Quanto ao trabalho com os letramentos digitais na sala de aula, este terá base em Coscarelli (2007). Para tratar de aspectos que concernem às redes sociais e à produção de notícias falsas, traremos as reflexões de Ferrari (2018), que aborda as transformações e complexidade desse ambiente digital.

Discursos de verdade e redes sociais

Os discursos são permeados de construções ideológicas e de sentidos. Segundo Gregolin (1995, p. 17), podemos entender o discurso como “um dos patamares do percurso de geração de sentido de um texto, o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu”. Dessa forma, a sua constituição se dá no âmbito da coletividade e, para compreender determinados dizeres, é preciso estudar os sujeitos e estabelecer essas relações.

Na perspectiva de Foucault (2008), é no discurso que se constrói o conhecimento e se define o sujeito, sendo a produção do discurso um processo ao mesmo tempo controlado, selecionado, organizado e redistribuído por procedimentos de inclusão e exclusão (FOUCAULT, 1999). Assim, ao analisá-lo, é preciso observar as posições ocupadas pelos sujeitos para compreender os lugares sócio-ideológicos assumidos por eles. Ressaltamos que, ao considerar as condições de produção como aspectos sociais, ideológicos e históricos, assumimos a proposição de que o discurso não pode ser fixo. Como diz Fernandes (2007), ele está em constante mudança e acompanha as transformações que se relacionam com a vida humana.

Essas reflexões demonstram que o discurso necessita da linguagem (verbal/não verbal) para se materializar, mas vai muito além do ato de proferir palavras. Foucault (1999, p. 10) nos

diz que “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”. O poder se estabelece por meio de relações de poder, que se aplicam no cotidiano categorizando o indivíduo e marcando-o com a sua própria individualidade e identidade, impondo uma lei de verdade, que nós e os outros devemos reconhecer. Segundo Candiotti (2013, p.50):

A investigação de Michel Foucault distancia-se da tese segundo a qual as verdades científicas são resultantes do desejo (natural) do saber. A hipótese genealógica é a de que aquilo normalmente denominado como verdade constitui efeito da vontade (histórica) de verdade observada na articulação entre estratégias de poder e tecnologias de saber.

Para o filósofo, verdade e poder são conceitos intrínsecos. O poder gera o saber, o qual se constitui de crenças e conhecimentos que caracterizam a verdade. Sendo assim, não existe uma única verdade, cada sociedade tem o seu próprio regime de verdade e, para entendê-la, deve-se olhar para as condições de produção do discurso.

Na sociedade contemporânea, as redes sociais estão em evidência e, muitas vezes, substituem o papel midiático na veiculação de informações, se tornando responsável por formar uma ponte entre o leitor e a realidade. Entretanto, há um fator diferencial nessas redes, influenciadas também por uma mudança de *ethos* (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007) na sociedade, que induz o leitor a tomar aqueles fatos como verdade para si: não é mais uma instituição especializada em jornalismo que está divulgando a notícia, e sim uma pessoa que está em seus círculos sociais.

Esse efeito de sentido é produzido pela relação de proximidade que se constrói virtualmente e, nos movimentos interpretativos, estão também os efeitos identitários. Para Gregolin (2007, p. 17) “como os sujeitos são sociais, e os sentidos são históricos, os discursos se confrontam, se digladiam, envolvem-se em batalhas, expressando as lutas em torno de dispositivos identitários”. Assim, rapidamente notícias são lidas, interpretadas e compartilhadas com tanta velocidade, expressando *vontades de verdade* de um grupo em um dado momento histórico. Temos, portanto, as redes sociais como redes de poder, nas quais se torna difícil, sem um olhar mais crítico, diferenciar o que é verídico das populares *fake news*.

Como dito anteriormente, tal fenômeno não é novo, uma vez que há registros de notícias falsas desde a Grécia Antiga, pelo menos, mas tem se intensificado com o vasto acesso às redes sociais, nas quais os sujeitos se sentem livres para produzir e reproduzir discursos. Adiante,

faremos a análise discursiva de um exemplo de *fake news* que circulou na rede social *Facebook* e iremos discorrer sobre a abordagem do tema em âmbito escolar.

Fake News e Desinformação: uma análise discursiva

Em fevereiro de 2018, na rede social *facebook*, um usuário publicou uma fotografia com a legenda afirmando que o exército brasileiro estaria humilhando crianças (Cf. Imagem 1). Até o momento em que foi feita a coleta dos dados, a notícia já atingia 1,5 mil curtidas e 13.834 compartilhamentos, além de vários comentários, o que demonstra um alcance significativo de outros usuários.

Figura 1 – Exemplo de notícia falsa circulando em uma rede social



Fonte: <http://www.facebook.com>. Acesso em 17 de fev. de 2018

Nesse período, o Brasil enfrentava uma crise política após a presidenta Dilma Rousseff sofrer *impeachment* e seu vice Michel Temer assumir a presidência. A população se dividia entre sujeitos que apoiavam o ato e sujeitos que o denominavam de golpe. Além disso, já no mandato de Michel Temer, problemas com a violência e a falta de segurança se intensificaram, sendo necessária a atuação das Forças Armadas em vários estados do país. Esse cenário gerou opiniões controversas e diversos discursos se produziram nessas condições.

No discurso em questão, percebemos que o autor da publicação se utiliza da imagem e da legenda para legitimar a verdade de que a atuação das forças armadas seria invasiva e, conseqüentemente, ruim para o país. Ele utiliza as *hashtags* #VoltaDilma e #Lula2018, revelando que o seu posicionamento político não condiz com o atual governo. Em um dos comentários, feito por outro usuário, há um sujeito que toma o fato como verdade e diz que teme o autoritarismo e a volta da ditadura militar. Ele concorda que tem que acabar com a falta de segurança, porém “com respeito e limites”, “humilhar crianças não”. Outro comentário compartilha do medo da ditadura e demonstra isso a partir da *hashtag* #DitaduraMilitarJamais e uma imagem que condena a intervenção militar no Rio de Janeiro.

Diante da propagação da notícia, buscamos a fonte da fotografia para saber do que se tratava. Na pesquisa, verificou-se (Cf. imagem 2) que, originalmente, a fotografia, de autoria da fotojornalista Márcia Foletto, foi publicada em 23 de novembro de 1994, no jornal “O Globo” com a legenda “Soldados revistam escolares, num dos acessos ao Dona Maria, para descobrir se alguns deles estão sendo enganados e usados para transportar drogas”.

Figura 2 – Fotografia original da fotojornalista Marcia Foletto, publicada no jornal “O Globo”, em 23 de novembro de 1994.



Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/pagina/edicaoodia.do?dia=19941123&edicao=Matutina&caderno=Primeiro+Caderno>. Acesso em 9 de jun. de 2018

Percebemos, portanto, que a notícia veiculada no *Facebook* se tratava de uma informação inverídica. O sujeito, detentor do saber, articulou técnicas de poder para produzir e enunciar uma verdade, que é discursivamente moldada. Essa verdade revela o lugar histórico-social em que os sujeitos se encontram, assim como suas formações discursivas.

Outro fato que virou notícia durante o período eleitoral de 2018 aconteceu na entrevista que o Jornal Nacional fez com o então candidato à presidência da república Jair Bolsonaro, em 28 de agosto de 2018². O presidenciável apresentou, em rede nacional, o livro “Aparelho Sexual e Cia.”, de autoria da escritora francesa Hélène Bruller e pelo ilustrador Zep, publicado ainda no ano de 2001, que, segundo ele, teria sido comprado pelo Ministério da Educação e seria distribuído em toda a rede pública básica do país.

Figura 3: Candidato Jair Bolsonaro no Jornal Nacional, em agosto de 2018



Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/01/neste-1o-de-abril-relembre-nove-fake-news-que-marcaram-o-cenario-politico-do-brasil/>. Acesso em : 25 mai. 2019.

À ocasião, a pouco mais de um mês das eleições, o assunto viralizou e chegou a ser um dos temas mais comentados no Twitter³ no dia, gerando comentários dos mais diversos. O que chama a atenção é que uma informação ser veiculada no horário nobre da Rede Globo tende a influenciar grande número de telespectadores, que assumem como verdade o que ali é dito. Uma pesquisa feita pela IDEIA Big Data/ Avaaz, divulgada em 1º de novembro, logo após a eleição de Jair Bolsonaro, apresentou que 83,7% de seus eleitores acreditavam na informação de que o candidato Fernando Haddad havia, de fato, distribuído o livro nas escolas brasileiras,

² Um trecho da entrevista está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=J12K7_kmz4s. Acesso em : 25 mai. 2019.

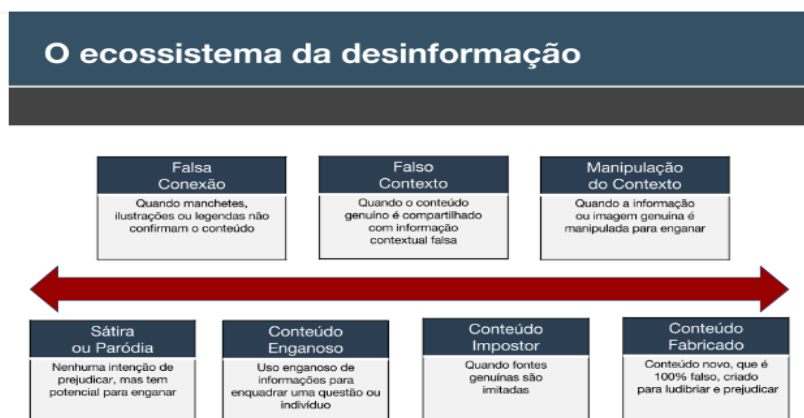
³ Disponível em : <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/com-entrevista-no-jornal-nacional-bozonaro-chega-aos-trending-topics-do-twitter/>. Acesso em : 20 mai. 2019.

quando ministro da Educação⁴, enquanto pouco mais de 10% dos eleitores de Haddad acreditaram na história. Eis aqui o que Gregolin (2007) chamou de *vontades de verdade* de um grupo identitário: se o grupo majoritário é representado por quem está no poder, é natural que os discursos ali defendidos lutem para ser hegemônicos e, portanto, naturalizados. Possivelmente, em outro cenário de grupos antagônicos no poder, esse número seria diferente.

Foucault (2008) nos lembra que onde há poder, há resistência, o que significa que sempre haverá discursos contrários, que vão se digladiar pela hegemonia. Mesmo uma série de mídias mostrando que o fato trazido pelo presidente foi uma *fake news*⁵, ficou tido como verdade para grande parte da população brasileira, exemplo este que nos leva a refletir: como lutar contra a pós-verdade nas escolas?

A identificação de uma desinformação (WARDLE, 2017) nem sempre é um processo fácil, mas se faz necessário entender que a verdade pode ser construída para atender a um determinado propósito. A autora argumenta que o termo *fake news* é muito genérico para dar conta de uma diversidade de modos e formas que envolvem as informações que não são verdadeiras. Sátiras, paródias, fabricadas ou não, retiradas de contexto ou não, são utilizadas com os mais variados fins. Por conta disso, ela propõe um gráfico que expõe sete tipos diferentes de conteúdos noticiosos enganadores.

Figura 3 – Os sete tipos de mis e desinformação



Fonte: Pimenta (2017), adaptado de Wardle (2017)

⁴ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/pesquisa-mostra-que-84-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditam-no-kit-gay/>. Acesso em : 20 mai. 2019.

⁵ Disponível em : <https://super.abril.com.br/comportamento/esse-e-o-livro-pornografico-que-o-bolsonaro-levou-ao-jornal-nacional/>. Cf. também em <https://novaescola.org.br/conteudo/12465/livro-exibido-por-bolsonaro-nao-faz-parte-de-kit-gay>. Acesso em : 21 mai. 2019.

O que se vê é que o que reconhecemos popularmente como *fake news* é um rótulo para diferentes fenômenos, como sátiras ou paródias, notícias fabricadas, manipulação de informações com finalidades nocivas, descontextualização e conseqüente recontextualização de determinada informação, o que ocasionará mudança de sentido, com clara finalidade de prejudicar algo ou alguém.

Partindo disso, buscamos trazer reflexões para o ensino, considerando que os alunos estão em massa inseridos nessas redes e precisam saber usá-las adequadamente, sabendo, sobretudo, diferenciar o que é informação falsa de conteúdo verdadeiro. Para este trabalho, mesmo sabendo dos diferentes fenômenos que o rótulo *fake news* abriga, optaremos por usar este termo para os enunciados que analisaremos a seguir.

Reflexões para o ensino

Diante da realidade de que os estudantes estão cada vez mais envolvidos pelo ambiente digital, é preciso discutir o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) no ensino, enfatizando o uso das redes sociais. Qual o papel da escola diante da propagação de *fake news*?

Dialogando com Coscarelli (2007), a internet possibilitou acesso. Isso significa conhecer um mundo amplo de possibilidades. Sendo assim, a autora considera importante trabalhar com a informática como uma aliada do ensino, cultivando novas formas de letramentos, dentre eles o letramento digital:

A escola precisa encarar seu papel, não mais de apenas transmissora de saber, mas de ambiente de construção do conhecimento. Os alunos precisam saber aprender, saber onde encontrar as informações de que precisam e ter autonomia para lidar com essas informações, avaliando, questionando e aplicando para aqueles que julgarem úteis e pertinentes. (COSCARELLI, 2007, p. 32).

Nesse sentido, trabalhar com esses processos dentro da cultura digital envolve também a abordagem das *fake news*. Reconhecendo a relevância do assunto, a Universidade de Campinas (UNICAMP) trouxe no vestibular de 2018 uma proposta de redação que consistia na compreensão do fenômeno da pós-verdade e sua relação com as redes sociais, que envolvem diretamente a propagação de notícias falsas. Vejamos:

UNICAMP
vestibular
2018

REDAÇÃO

TEXTO 1

Você é um estudante do Ensino Médio e foi convidado pelo Grêmio Estudantil para fazer uma palestra aos colegas sobre um fenômeno recente: o da **pós-verdade**. Leia os textos abaixo e, a partir deles, escreva um texto base para a sua palestra, **que será lido em voz alta na íntegra**. Seu texto deve conter: a) uma explicação sobre o que é pós-verdade e sua relação com as redes sociais; b) alguns exemplos de notícias falsas que circularam nas redes sociais e se tornaram pós-verdade; e c) consequências sociais que a disseminação de pós-verdades pode trazer. Você poderá usar também informações de outras fontes para compor o seu texto.

TEXTO A:



(Disponível em
<https://horizontesafins.wordpress.com/2017/02/02/a-verdade-da-pos-verdade/>. Acessado em 03/09/2017.)

TEXTO B:

O que é “pós-verdade”, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford

Anualmente, a *Oxford Dictionaries*, parte do departamento de imprensa da Universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários, elege uma palavra para a língua inglesa. A de 2016 foi “pós-verdade” (*post-truth*).

A palavra é usada por quem avalia que a verdade está perdendo importância no debate político. Por exemplo: o boato amplamente divulgado de que o Papa Francisco apoiava a candidatura de Donald Trump não vale menos do que as fontes confiáveis que negaram esta história. Segundo *Oxford Dictionaries*, a palavra vem sendo empregada em análises sobre dois importantes acontecimentos políticos: a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos e o referendo que decidiu pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia, designada como *Brexit*. Ambas as campanhas fizeram uso indiscriminado de mentiras, como a de que a permanência na União Europeia custava à Grã-Bretanha US\$ 470 milhões por semana, no caso do *Brexit*, ou a de que Barack Obama é fundador do Estado Islâmico, no caso da eleição de Trump.

Em um artigo publicado em setembro de 2016, a influente revista britânica *The Economist* destaca que políticos sempre mentiram, mas Donald Trump atingiu um outro patamar. A leitura de muitos acadêmicos e da mídia tradicional é que as mentiras fizeram parte de uma bem-sucedida estratégia de apelar a preconceitos e radicalizar posicionamentos do eleitorado. Apesar de claramente infundadas, denunciar essas informações como falsas não bastou para mudar o voto majoritário.

Para diversos veículos de imprensa, a proliferação de boatos no *Facebook* e a forma como o *feed* de notícias funciona foram decisivos para que informações falsas tivessem alcance e legitimidade. Este e outros motivos têm sido apontados para explicar a ascensão da pós-verdade.

Plataformas como *Facebook*, *Twitter* e *Whatsapp* favorecem a replicação de boatos e mentiras. Grande parte dos factoides são compartilhados por conhecidos nos quais os usuários têm confiança, o que aumenta a aparência de legitimidade das histórias. Os algoritmos utilizados pelo *Facebook* fazem com que usuários tendam a receber informações que corroboram seu ponto de vista, formando bolhas que isolam as narrativas às quais aderem de questionamentos à esquerda ou à direita.

(Adaptado de André Cabette Fábio. O que é ‘pós-verdade’, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford. *Nexo*, 16/11/2016. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-é-‘pós-verdade’-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>. Acessado em 01/12/2017).

Fonte: <http://www.comvest.unicamp.br/vest2018/F2/provas/redport.pdf>. Acesso em 08 de out. 2018.

A proposta traz como texto base uma charge e uma reportagem para contextualizar a discussão. Na leitura da charge, percebemos a interdiscursividade com o filósofo René Descartes, que trouxe esse discurso em sua obra *O discurso do método* (1637) por duvidar da verdade de todas as coisas. A crítica se faz ao fenômeno da pós-verdade desencadear absolutismo nas pessoas, que tomam as verdades para si até mesmo diante de fontes que provem o contrário. Podemos estabelecer uma relação da pós-verdade com a vontade de verdade dos estudos foucaultianos, nos quais a concepção do que é verdadeiro se constrói dentro das perspectivas ideológicas e sociais de determinados grupos.

O segundo texto traz uma reportagem que explica o significado da palavra “pós-verdade” e a relaciona com as redes sociais. De acordo com o autor, a ascensão do fenômeno se faz refletir na crescente quantidade de notícias falsas que são espalhadas diariamente nas redes sociais. Ele ainda diz que os algoritmos utilizados pelo *Facebook* induzem à formação de bolhas, nas quais os usuários se isolam com seus semelhantes.

Sobre isso, Ferrari (2018) nos traz a reflexão de que precisamos sair das bolhas (PARISER, 2011). Nesse caso, sair das bolhas é transitar por grupos divergentes, é consumir informações daqueles que pensam diferente para não permanecer no círculo vicioso. Fazer isso fortalece os usuários da rede para que não caiam em *fake news*. É preciso que a criticidade se construa baseada em fatos, pois a propagação de notícias falsas gera consequências.

De forma geral, o que a proposta de redação espera dos alunos é que eles possam diferenciar e relacionar os conceitos de *fake news* e “pós-verdade” com as redes sociais, sabendo reconhecer suas possíveis consequências. Assim, ressalta o papel da escola na discussão da temática. O que precisamos fazer é conscientizar os discentes sobre os discursos que fabricam verdades e orientá-los sobre o uso consciente das redes sociais. De que maneira?

Uma sugestão que pode ser adotada é o trabalho com *busca de informações, de autoria* ou de *veracidade* dos textos. Tomando como base a hipótese levantada pelo então candidato à presidência sobre a compra, pelo MEC, de livros didáticos de conteúdo inadequado para a educação básica, uma ideia seria levar alunos da educação básica, por exemplo, para um laboratório de informática e levantar as seguintes questões e passar as seguintes tarefas:

Quadro 1: Propostas de trabalho em sala de aula sobre suposto *kit gay*

Questões	Tarefa do aluno	Proposta para o professor
<i>Será que podemos encontrar esse livro na internet?</i>	Pesquisar sobre o livro em buscadores, como Google e elencar os sites que contém informações sobre a obra.	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir sobre o que os alunos encontraram: quem são os autores do livro, onde ele foi publicado, qual o propósito e para que público. - Mostrar que sites encontrados por eles merecem credibilidade ou não.
<i>Por que o livro viralizou?</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisar a origem do boato: quando foi falado pela primeira vez. - Elencar os sites mais antigos que poderiam ter sido a fonte da notícia. - Elencar os atores que divulgaram o fato. 	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir com os alunos sobre o início do boato; quando começa um e o porquê de ter se tornado um boato. Espera-se que os alunos encontrem sites que primeiro noticiaram a questão e pesquisem quem a levantou. - Levantar dados, com os alunos, sobre quem tratou do assunto, de que maneira e com provas.
<i>Será que é verdade o que foi dito?</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever e compartilhar com a turma a sua opinião, com base no que já pesquisou, nas duas etapas anteriores. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver uma discussão com os alunos, com base no que produziram, sobre os seus pontos de vista. Aproveitando a produção textual discente, mostrar o peso dessas informações e provocá-los, quando uma informação é questionável. Se isso acontecer, pedir para que o aluno busque responder à provocação, com base em dados, que ele pode buscar na internet. - Instigá-los a categorizar o fenômeno em um dos tipos de desinformação (WARDLE, 2017): trata-se de uma sátira ou paródia? Qual a origem da manipulação: o contexto é

		falso ou foi manipulado? O conteúdo é impostor, fabricado ou enganoso? Trata-se de alguma imitação de algum outro produto ou uma transformação – sátira ou paródia?
--	--	---

Fonte: Elaboração própria

O quadro é apenas uma sugestão de uma aula diferente, num laboratório de informática ou mesmo na sala de aula, com alunos que têm acesso à internet pelo celular, por exemplo. O que importa é que eles consigam perceber que as informações que lhes chegam são passíveis de verificação ou não, por qualquer um, e eles são sujeitos do conhecimento. Além de desenvolver sua criticidade, é também uma maneira de o aluno desenvolver o seu letramento digital, uma vez que ele terá ferramentas para entender o que pode ou não ser verídico; que caminhos ele pode fazer para encontrar uma informação de maneira mais simplificada etc.

Considerações Finais

O ecossistema da desinformação reúne um grupo de fenômenos diversos que são rotulados popularmente como *fake news*, e encontraram na internet, principalmente nas redes sociais, um ambiente propício para sua ampla produção e disseminação. A partir das teorias da Análise do Discurso (AD) e da análise do *corpus*, discutimos como a verdade se constrói nas relações de poder, dependendo de fatores históricos, ideológicos e sociais para ser definida e como os discursos de verdade se constituem na rede em função de grupos específicos. Foi apresentada a relevância de se abordar a temática em âmbito escolar, considerando que os estudantes estão imersos na cultura digital. Assim, refletimos também sobre as bolhas que se formam nas redes sociais e como sua criação fortalece a propagação de *fake news*. É preciso que os discentes sejam conscientizados de como certos discursos fabricam verdades e suas possíveis consequências. Dessa forma, esperamos contribuir com os estudos da AD, sobretudo foucaultiana, assim como abrir portas para a abordagem do tema em sala aula.

Referências

CANDIOTTO, C. **Foucault e a crítica da verdade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Curitiba: Champagnat, 2013.

COSCARELLI, C. V. **Alfabetização e Letramento digital**. In: COSCARELLI, C. V e RIBEIRO, A. E (Orgs). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 3.ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

DESCARTES, R. **Discours de la Methode**. Leiden: 1637.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERRARI, P. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC, 2018.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. NEVES, Luiz Felipe Baeta. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. SAMPAIO, Laura Fraga de Almeida. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GREGOLIN, M. R. **A Análise do Discurso**: conceitos e aplicações. *Alfa*. São Paulo. Vol. 39. P. 13-21. 1995.

GREGOLIN, M. R. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. In: **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. Vol. 4. N. 11. P. 11-25. Nov. 2007.

KNOBEL, M.; LANKSHEAR. **A new literacies sampler**. New York: Peter Lang Publishing, 2007.

PARISER, E. **The filter bubble**. What the internet is hiding from you. New York, The Penguin Press, 2011.

PIAIA, T. C.; RITTER, L. M.; SANGOI, R. M. Internet, liberdade de informação e o caso das echo chambers ideológicas. **Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas**, Pouso Alegre, v. 34, n. 2: 289-309, jul./dez. 2018

PIMENTA, A. Claire Wardle: **combater a desinformação é como varrer as ruas**. 2017. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/credibilidade/claire-wardle-combater-desinformacao-e-como-varrer-as-ruas/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

WARDLE, C. **Information disorder** : toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg : Council of Europe, 2017.